

**A LITERATURA DA SHOAH NO BRASIL COMO LITERATURA DE
RESISTÊNCIA: NOTAS SOBRE *QUERO VIVER... MEMÓRIAS DE UM EX-
MORTO*, DE JOSEPH NICHTHAUSER**

**THE SHOAH LITERATURE IN BRAZIL AS A LITERATURE OF RESISTANCE:
CONSIDERATIONS ABOUT JOSEPH NICHTHAUSER'S *QUERO VIVER...
MEMÓRIAS DE UM EX-MORTO***

Lizandro Carlos Calegari¹

RESUMO: Este trabalho analisa a obra *Quero viver... memórias de um ex-morto* (1972), do judeu brasileiro Joseph Nichthausen, procurando destacar aspectos que permitem classificá-la como literatura de resistência. Como prisioneiro em diversos campos de concentração na Europa durante a Segunda Guerra Mundial, Nichthausen narra suas memórias, enfatizando o extremo grau de humilhação por que passaram os judeus e outros grupos marginalizados. Valendo-se de elementos temáticos e formais específicos, o autor escreve um livro cujo teor é de resistências às várias opressões vividas no passado, mas que ajudam a pensar o presente.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Literatura da Shoah. Resistência. Joseph Nichthausen. Guerra.

O século XXI pode ser definido como a era do terrorismo. Em 2001, a organização fundamentalista islâmica Al Qaeda organizou uma série de ataques suicidas contra os Estados Unidos. Em 2002, foi a vez de a Rússia ser vítima do terror, quando rebeldes chechenos invadiram o Teatro Dubrovka, em Moscou, e fizeram vários reféns, resultando na morte de inúmeras pessoas. Em 2004, a capital espanhola, Madrid, é sacudida por dez explosões em quatro trens lotados. Em 2005, a Inglaterra foi alvo de um ataque terrorista, quando três homens-bomba de orientação islâmica se explodiram em trens do metrô de Londres. Em 2011, houve um atentado a tiros na Noruega. Em 2015, dois jihadistas franceses mataram mais de 10 pessoas na sede da revista satírica *Charlie Hebdo*, em Paris. No ano seguinte, ainda na França, um caminhão em alta velocidade investiu contra uma multidão que participava das comemorações do Dia da Bastilha, em Nice. No mesmo ano de 2016, assistiu-se a caso similar na Alemanha: pelo menos 12 pessoas morreram e mais de 50 ficaram feridas após um caminhão invadir uma feira natalina no centro de Berlim. Em 2017, outros ataques foram presenciados no Reino Unido e na Alemanha.

A lista de casos é bem mais extensa, mas o que se observa, nessas situações, é que terrorismo e fundamentalismo parecem continuar andando juntos nesse início de terceiro milênio. Assim, engana-se quem pensa que a ideologia nazifascista foi completamente extinta. Um fato recente ocorrido em 2017 na cidade norte-americana de Charlottesville ilustra essa

¹ Doutor em Letras pela UFSM (2008). Professor de Literatura no Colégio Politécnico da UFSM e do Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado) da mesma instituição. E-mail: lizandro.calegari@yahoo.com.br Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 23, p. 3-14, jul./dez. 2018. Recebido em: 20 mar. 2018. Aceito em: 28 jun. 2018.

tendência. Centenas de supremacistas brancos de extrema direita chocaram o mundo ao fazerem saudações nazistas e entoarem palavras de ordem racistas, homofóbicas, xenófobas e antissemitas, deixando transparente a face sombria do fanatismo social estadunidense. A tensão naquela cidade produziu cenas de confronto entre a intolerância da extrema direita e grupos antifascistas, ocasião em que algumas pessoas foram mortas e dezenas ficaram feridas. A crise que se intensificou a partir de 2008, culminando na estagnação do crescimento econômico mundial e na suposta decadência americana, relacionada à presença de imigrantes e ao multiculturalismo, tem fortalecido o discurso de supremacia branca. Isso reforça a suposta premissa de que, para retomar o crescimento, seria necessária a retomada dos valores brancos norte-americanos.

Tais acontecimentos exemplificam o desdobramento de velhas práticas. A sociedade mundial, minada por valores racistas, homofóbicos, xenófobos e antissemitas, desde há muito tempo, julga legítima a discriminação de grupos que constituem o “outro” da razão. A ciência e a filosofia, nos últimos séculos, paradoxalmente, têm produzido discursos em que o “outro” tem agregado (sub)valores que, por um lado, justificam a exclusão do elemento subalterno por meio de práticas violentas, por outro, criam um depósito em que indivíduos supostamente dotados de poder despejam sua raiva, sua indiferença e sua intolerância. Cria-se, assim, uma ontotipologia, isto é, o estabelecimento de tipos e de formas pensados como identidades autônomas e fechadas, algo que, na opinião de Márcio Seligmann-Silva (2009, p. 271), é suficiente para se instaurar um modo de pensar fascista, ou seja, “um modo de pensar antes de mais nada inimigo do ‘outro’, incapaz de perceber a identidade como jogo de diferenciação, como falta e não como condição ôntica e fechada do ser”.

Esse tema, aliás, foi exemplarmente representado no famoso filme *O ovo da serpente* (1977), do diretor Ingmar Bergman. A trama se passa em Berlim, em novembro de 1923 – antes do surgimento do Nazismo, portanto. A Alemanha está em crise em razão da Primeira Guerra Mundial, e os cidadãos vivem sem uma perspectiva de futuro. Nesse contexto caótico, assiste-se à história de Abel Rosenberg (David Carradine), um trapezista judeu norte-americano desempregado, que descobriu que seu irmão, o também artista Max, suicidara-se. Inseguro e em fúria contra a crescente miséria e violência política, Abel refugia-se na bebida e procura a esposa de Max, Manuela (Liv Ullmann), que trabalha num cabaré. Juntos, eles sobrevivem com dificuldade à violenta recessão econômica pela qual passa o país. Acossados pela polícia e expulsos do local onde moram, ambos vão encontrar refúgio em uma casa do sinistro Hans

Vergerus (Heinz Bennent), que lhes oferece emprego em uma clínica clandestina. No trabalho, Abel desconfia que alguma coisa está errada e, ao investigar o tal cientista, descobre que ele está fazendo experiências humanas em nome da ciência médica e da supremacia ariana e, assim, encontra respostas para o suicídio do irmão.

O filme revela que a fome, o desemprego, a crise econômica e a violência urbana geram situações de desespero geral, aumentando o descontentamento de uma nação, criando, por sua vez, um ambiente favorável para que mentes malignas (e, aqui, Hitler é o principal exemplo), alimentadas por um poder absoluto e tirano, encontrem resposta para pôr em prática ideias megalomaniacas. Acima de tudo, a obra expõe uma sociedade disposta a elevar o ditador ao topo da hierarquia, indiferentemente aos seus métodos racistas e cruéis. O título do filme é uma síntese perfeita das condições que permitiu o surgimento de Hitler e seu regime nazista. Assim, a película trata da dificuldade de se lidar com a diferença do “outro”. Essa dificuldade começa a tomar corpo e a se tornar um fenômeno coletivo com avassaladora força destrutiva. Bergman olhava para o passado recente de seu continente ao fazer seu célebre filme. Hoje, deve-se olhar o presente e procurar perceber a silhueta do réptil que se delineia na parte interior do ovo que choca a catástrofe.

Esse exemplo serve para ilustrar que existem relações entre a história da arte e de sua reflexão, por um lado, e a história do pensamento e das práticas políticas, por outro. Assim, há obras que ratificam certas ideologias associadas ao poder, mas, é verdade que nem toda obra serve de modo subserviente a esse sistema de formas e de tipos estanques. No âmbito literário, mais especificamente – a par de filmes, músicas, pinturas, peças teatrais, etc. –, pode-se falar de uma literatura de resistência. Segundo Alfredo Bosi (2002, p. 118), o sentido de resistência tem a ver com uma “força de vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito”, logo resistir é “opor a força própria à força alheia”. De acordo com o crítico, o cognato próximo a tal termo é “*in/sistir*”, e o antônimo familiar é “*des/sistir*”. Conforme o autor (2002, p. 120), a ideia de resistência, quando conjugada à de narrativa, tem sido realizada de duas maneiras que não se excluem necessariamente: 1) a resistência se dá como tema e 2) como processo inerente à escrita. No primeiro caso, a arte pode revelar o que a ideologia dominante esquece, evita ou repele. No segundo caso, o processo inerente à escrita – que envolve o ponto de vista e a estilização da linguagem – é responsável pela formação de uma tensão interna que a faz resistente. Como complementa o ensaísta, “[a] escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa ‘vida como ela é’ é, quase

sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e diga de ser vivida” (BOSI, 2002, p. 130).

Há uma outra dimensão relacionada ao processo inerente à escrita, não explorada por Bosi, que se filia à noção de resistência. Essa dimensão tem a ver não propriamente com os recursos linguísticos empregados pelo artista, mas com o próprio ato de escrever em si, de pôr um conteúdo nas páginas de um livro. Aqui, está-se pensando na literatura da Shoah ou, mais especificamente, na literatura da Shoah produzida no Brasil. Pode-se definir essa literatura como um conjunto de relatos, redigidos no Brasil e em língua portuguesa, que tematizam a experiência de escritores com a Shoah nazista². Acontece que muitos desses escritores, quase todos judeus, foram marcados pelo trauma da violência, tendo perdido, brutalmente, irmãos, pais, amigos. Devido à intensidade do evento, muitas dessas vítimas ficaram anos e até mesmo décadas sem se pronunciar em relação às suas experiências. Nesse sentido, a escrita desses sobreviventes, ao denunciar as atrocidades e os horrores por que passaram na Europa nazista de Hitler, constitui-se, talvez por si só, num significado que se conjuga à ideia de resistência.

A literatura da Shoah que foi produzida no Brasil e que se constitui numa literatura de resistência, por suas características, encontra seu ponto mais alto na obra *Quero viver... memórias de um ex-morto*, do judeu-brasileiro Joseph Nichthausen, publicada em 1972. De acordo com seu prefaciador, Hugo Schlesinger (1972, p. 6), *Quero viver...* é o primeiro relato escrito em português e aqui no país. Seligmann-Silva (2007, p. 126) concorda com essa afirmação e atesta que o trabalho de “Nichthausen é talvez o mais bem escrito da literatura de sobreviventes produzida no Brasil”. O crítico ainda complementa que o autor foi capaz de construir um livro de “memórias”, “com uma forte estrutura narrativa e literariamente muito bem resolvido”, com detalhes que geram “um forte ‘efeito de realidade’ no leitor”. Por sua vez, Regina Igel (1997, p. 232-239) destaca que a aludida obra apresenta características típicas das narrativas do Holocausto, em especial, as similaridades psicológicas, como as denúncias, a solidariedade, o humor e as perspectivas, além de outras similaridades como as trajetórias de fuga e

² Existiriam, conforme Márcio Seligmann-Silva (2007, p. 125 ss), duas tendências dentro dessa vertente da literatura da Shoah produzida no Brasil. A primeira seria dos testemunhos primários. Nesse caso, os narradores teriam atravessado o horror nazista. Incluem-se dentro dessa perspectiva as seguintes obras: *Quero viver... memórias de um ex-morto* (1972), de Joseph Nichthausen, *...E o mundo silenciou* (1972), de Ben Abraham, *Pesadelos* (1976), de Konrad Charatz, *Rumo à vida* (1979), de Olga Papadopol, *Os lobos* (1983), de Alexandre Storch, *Lembranças enevoadas* (1984), de Sonia Rosenblatt, e *A vida e a luta de uma sobrevivente do Holocausto* (2005), de Sabina Kustin. Já na segunda tendência, em que os narradores relatam a partir da experiência de outrem, têm-se os seguintes títulos e autores: *Contos do imigrante* (1956), de Samuel Rawet, *A guerra do Bom Fim* (1972), de Moacyr Seliar, *Hitler manda lembranças* (1984), de Roberto Drummond, *A vida secreta dos relógios e outras histórias* (1994), de Roney Cytrynowicz, *Breve fantasia* (1995), de Samuel Reibschid, e *Nas águas do mesmo rio* (2005), de Giselda Leirner.

reconhecimentos. O relato se concentra principalmente no período em que Nichthausen passou como prisioneiro em diversos campos de concentração, mas a narrativa é importante porque provoca uma reflexão sobre a situação de marginalização e de sofrimento dos judeus no coração da Europa.

Aliando essa perspectiva de leitura a uma interpretação mais ampla, poder-se-ia dizer que o antissemitismo, tão fortemente trazido à tona como tema no livro de Nichthausen, não seria visto como uma situação isolada, mas entendida como o momento limite de formação de uma racionalidade destruidora. Esse assunto foi brilhantemente desenvolvido por Theodor Adorno e Max Horkheimer no último capítulo da *Dialética do esclarecimento*, em que os autores tratam dos elementos do antissemitismo. Majoritariamente escrito entre 1941 e 1944, nos Estados Unidos, o livro, numa perspectiva geral, procura entender por que a humanidade, estando dentro de um estágio considerado avançado de civilização, consegue se afundar em uma nova espécie de barbárie; por sua vez, numa perspectiva mais específica, considerando o capítulo em questão, os autores procuram mostrar por que o antissemita, que figura como símbolo extremo da racionalidade esclarecida, não percebe o “outro” como sujeito, mas apenas enquanto ocasião para descarregar seu ódio.

Quero viver... é a narrativa de um sobrevivente dos campos de concentração na Europa. Como relata Nichthausen, nas primeiras linhas de seu livro, ele deixou de ser criança na noite de 31 de agosto de 1939, aos 10 anos de idade, quando a pequena cidade em que vivia, Andrychow, na Polônia, foi invadida por soldados nazistas que fizeram diversos de seus habitantes prisioneiros. A indignação do autor não se dirige apenas ao desrespeito dos nazistas, mas do próprio povo polonês, mesmo tendo ele nascido na Polônia. Nesse sentido, ele se indaga: “[d]e direito éramos poloneses, sem dúvida alguma, mas na realidade éramos considerados com ódio pela maioria do povo polonês. [...] Por quê?” (NICHTHAUSER, 1972, p. 28). Esses enunciados conduzem à tese de que a ideologia antissemita está disseminada nas mentes humanas, de modo que todos aqueles que constituem o “outro” da razão devem ser exterminados. Embora os judeus sejam o alvo preferencial, a quota de agressividade se estende a outros grupos como ciganos, negros, homossexuais, mulheres, vagabundos. Em outras palavras, o antissemitismo seria um sintoma de que se vale a humanidade para despejar sua agressividade.

Em várias passagens da obra, Nichthausen explicita a aversão das pessoas em geral e dos nazistas em particular pelos judeus. Em certa altura, ele escreve: “[o]s meus amigos não judeus

olhavam-me com um ar estranho quando eu saía de casa exibindo a minha distinção de judeu, no braço” (NICHTHAUSER, 1972, p. 45). Mais adiante, acrescenta: “[t]udo é passageiro neste mundo [...], também passará a época do fascismo, a época do hitlerismo e do seu ódio para com tudo o que não seja alemão” (NICHTHAUSER, 1972, p. 60). Dentro de um contexto em que a violência parecia se justificar por si só, o repúdio aos judeus se traduzia em agressão em massa: “[s]erá que o mundo lá fora não sabia ainda dos dez mil inocentes soldados judeus, que foram fuzilados tranquilamente só porque eram judeus apesar do uniforme do exército polonês! (NICHTHAUSER, 1972, p. 62). O mesmo sentimento de ódio que os nazistas sentiam pelos judeus (que Nichthausen deixa transparecer nessas linhas de seu livro) também pode ser percebido nos parágrafos iniciais do capítulo sobre o antissemitismo escrito por Adorno e Horkheimer. Na parte inicial, os autores escrevem: “[p]ara os fascistas, os judeus não são uma minoria, mas a antirraça, o princípio negativo enquanto tal; de sua exterminação dependeria a felicidade do mundo” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 157).

Essa ânsia por varrer os judeus da face da terra e por purificar a humanidade, garantindo, assim, um suposto progresso e desenvolvimento econômico, encontrou respaldo na população em geral, o que tornou legítima a aniquilação dos judeus em campos de concentração. Oito foram os campos de concentração por que passou Joseph Nichthausen: Sosnowice, Sucha, Sakrau, Bismarkhutte, Reigersfeld, Auschwitz, Gross-Rosen e Buchenwald – nessa ordem. Em todos eles, o autor vivenciou cenas traumáticas: seleção para câmara de gás, fuzilamento, trabalhos extenuantes, maus tratos, enforcamento, torturas e diversos outros métodos de assassinato. Ao ser conduzido ao primeiro campo de concentração, Nichthausen volta a se questionar: “[p]or quê? Por que, meu Deus? Que mal fizemos nós, para sermos tratados daquela maneira?” (NICHTHAUSER, 1972, p. 105). A expectativa, porém, é de incertezas: “[t]udo estava acabado. O passado morrera e restava somente aquela realidade. David e eu. Ninguém mais. Absolutamente sozinhos na selva nazista” (NICHTHAUSER, 1972, p. 109). Assassinar ou exterminar judeus tornou-se uma prática corriqueira e natural naquele contexto. Como afirmam Adorno e Horkheimer (1985, p. 160), “[o] antissemitismo é um esquema profundamente arraigado, um ritual da civilização, e os *pogroms*³ são os verdadeiros assassinatos rituais”.

³ Trata-se de um vocábulo russo que significa “causar estragos, destruir violentamente”. Historicamente, o termo refere-se aos violentos ataques físicos da população em geral contra os judeus, tanto no império russo como em outros países.

De onde viria tanta raiva, tanto ódio, contra os judeus? Adorno e Horkheimer parecem esboçar uma resposta plausível a essa pergunta. Os autores vão buscar em Sigmund Freud alguns fundamentos para uma possível explicação para o fenômeno. Para a psicanálise freudiana, o funcionamento psíquico dos seres humanos estaria baseado em pulsões orientadas para a autoconservação. Ou seja, para fugir de condições de desamparo e desespero, a reação psicológica humana levaria a uma relação intrínseca entre racionalidade e dominação, vinculando conhecimento e interesse na realização da satisfação pulsional. Isso significa que, para a própria sobrevivência humana, a necessária submissão das pulsões como natureza interna teria levado o sujeito moderno a dominar também a natureza externa por uma identificação ao eu realizada por projeção e destruição. Assim, com esse conceito de projeção explicado por Freud, o objeto torna-se um reflexo do sujeito passível de dominação. Em outros termos, para o indivíduo se autoconservar, ele age no sentido de dominar o “outro” e, quando esse “outro” o ameaça, ele lança mão de estratégias destrutivas.

Os judeus, em virtude de terem desenvolvido estratégias de sobrevivência, tornaram-se uma ameaça para uma sociedade em crise. Frente a isso, para se autoconservar, a população em geral – incitada pelo discurso de Hitler – julgou legítima a sua eliminação. Os judeus teriam sido, então, nada mais do que bodes expiatórios de um esquema de extermínio altamente articulado. A consciência desse fato, aliás, é reconhecida pelos judeus. Em *Quero viver...*, Joseph elucida esse detalhe:

Hitler, para poder subir ao poder, tinha que encontrar algum bode expiatório para oferecer ao seu povo que sofria as consequências da Primeira Guerra Mundial. Então ele ofereceu os judeus, já que nós somos os tradicionais bodes expiatórios de todos os povos que precisam de algum escape ou alguma justificativa para os seus fracassos. A nós, ninguém defende; somos condenados a lutar sozinhos contra todos. (NICHTHAUSER, 1972, p. 107)

Nessa citação, Níththausser descreve alguns povos como fracassados, motivo pelo qual eles – judeus – seriam alvo constante de violência. Essa tese encontra respaldo nos argumentos de Adorno e Horkheimer, os quais invertem o polo da vitimização: em vez de mostrarem os judeus como vítimas do antissemitismo (entendido como um problema delimitado socialmente), os autores se preocupam em exibir como o sofrimento se inicia com o próprio indivíduo preconceituoso que, com seu processo de dominação por defesa (autoconservação), destrói a si e aos “outros” para não suportar a diferença. Ou seja, os frankfurtianos retiram a ênfase do judeu e a concentram na individuação do ser humano, a qual é exercida pelo

esclarecimento ocidental, que encontra no antissemitismo não uma situação isolada, mas um momento limite do processo de formação de uma racionalidade destruidora. Conforme complementa Virgínia Helena Ferreira da Costa (2016, p. 472), o antissemita, como a figura que simboliza o extremo da racionalidade esclarecida, “não percebe a alteridade como um sujeito, mas vê no outro a ocasião de descarregar as pulsões agressivas e o ódio provenientes da situação de sofrimento, insegurança e desamparo humano”.

É como se o antissemita racionalizasse o ódio que se traduz em gestos sádicos. Em várias passagens de *Quero viver...*, observa-se esse aspecto. Num certo dia, em Auschwitz, inúmeros judeus foram obrigados a ficar nus numa enorme sala vazia para tomar banho. Conforme o relato de Nichthausen, pelas janelas daquele recinto, sem vidro, entrava um vento gelado; “[t]odos ficaram calados, não ousando abrir a boca diante de tanta bestialidade e tratamento desumano. Sair de um banho quente para ficar nu em sala gelada!” (NICHTHAUSER, 1972, p. 165). Em outro momento, o autor fala do assassinato de crianças em câmaras de gás: “[t]odos os incapacitados e crianças morrem na câmara de gás e em seguida são incinerados em fornos crematórios. Está acontecendo todos os dias sem parar, noite e dia. [...] É a usina da morte. Dali ninguém sai vivo” (NICHTHAUSER, 1972, p. 168). Nichthausen também reproduz o comentário de um velho judeus cujos dois filhos, um de 12 e outro de 14 anos, foram mortos: “[f]oram submetidos a experiências médicas, serviram de cobaias humanas entre as mãos da fera” (NICHTHAUSER, 1972, p. 172).

Nesses excertos, Nichthausen mostra como haveria uma espécie de reação corporal do antissemita contra os judeus, como se o sujeito preconceituoso sentisse uma alergia irresistível e até inevitável contra certas peculiaridades que definem tal grupo. Com isso, volta-se à pergunta formulada anteriormente: onde teria se originado tanto rancor, tanta aversão, contra os judeus? Além da explicação anteriormente dada, Adorno e Horkheimer insistem na ideia de que os judeus carregariam idiossincrasias que motivariam o ódio dos antissemitas. Nesse particular, as idiossincrasias corresponderiam a características físicas dos judeus ligadas ao cheiro, aos gestos, às entonações, às formas corporais e aos traços característicos do “outro”. Para os autores,

[o]s motivos a que responde a idiossincrasia remetem às origens. Eles reproduzem momentos da proto-história biológica: sinais de perigo cujo ruído fazia os cabelos se eriçarem e o coração cessar de bater. Na idiossincrasia, determinados órgãos escapam de novo ao domínio do sujeito. Independentes, obedecem a estímulos biológicos fundamentais. O ego que se apreende em reações como as contrações da pele, dos músculos e dos membros não tem um domínio total delas. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 168)

Essas idiossincrasias percebidas seriam o resultado de conteúdos miméticos negados pelos antissemitas e projetados no “outro”, e que, por isso mesmo, só podem ser sentidos por eles na forma de ódio e conseqüente tentativa de aniquilamento. Como explica Costa (2016, p. 471), uma vez que o antissemitismo é definido como uma espécie de ódio corporal voltado contra a idiossincrasia, tal comportamento seria aproximado da biologia e da interpretação da teoria freudiana como antropologia, como resultado do retorno de um conteúdo mítico-pulsional que foi recalçado pela racionalidade esclarecida. Existiria, como resultado disso, a racionalização do ódio por parte do antissemita. Esse forjaria um sistema explicativo como desculpa para o preconceito, explanações que se aproximam da irracionalidade, uma vez que não se sustentam diante de uma reflexão mínima. É em razão disso que se torna difícil contra-argumentar com um antissemita, “uma vez que argumentos não conseguem aplacar o sofrimento, a angústia e o desamparo que se encontram na base do desenvolvimento de sua racionalidade” (COSTA, 2016, p. 471). Adorno e Horkheimer, a propósito, complementam:

[s]e um mal tão profundamente arraigado na civilização não encontra sua justificação no conhecimento, o indivíduo também não conseguirá aplacá-lo, ainda que seja tão bem-intencionado quanto a própria vítima. Por mais corretas que sejam, as explicações e os contra-argumentos racionais, de natureza econômica e política, não conseguem fazê-lo, porque a racionalidade ligada à dominação está ela própria na base do sofrimento. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 159)

É justamente a falta de uma justificativa plausível que faz com que constantemente Nícthauser questione, desde o início de seu relato, o motivo de seu povo ser tão cruelmente massacrado: “[a]final, por que é que eles nos atacam? O que estarão querendo de nós? Será que eles não sabem que somos muito pobres, mas muito pobres mesmo?” (NICTHAUSER, 1972, p. 20). Em seguida, ele se pergunta: “[c]om raras exceções, nunca nos foi demonstrado um mínimo de respeito humano. Por quê?” (NICTHAUSER, 1972, p. 28). A essas dúvidas seguem as certezas de uma vida de intensas humilhações nos campos de concentração. Enquanto testemunha ocular, o narrador relata cenas traumáticas:

[c]om quatro ou cinco golpes o prisioneiro soltava gritos terríveis, contorcendo-se de dor, mas logo perdia os sentidos. [...] [D]e modo geral, o prisioneiro que recebera pauladas era condenado a morrer em pouco tempo. Ficava incapacitado para o trabalho e o que era pior, sentia-se profundamente humilhado. Perdia todo interesse pela vida e pela sobrevivência, tornando-se “muçulmano”. [...] A vida continuava no ritmo infernal. Infrações, delitos, castigos, pauladas, condenações, enforcamento faziam parte da nossa vida diária. [...] Os enforcamentos se tornaram espetáculos comuns, aos quais devíamos assistir obrigatoriamente. (NICTHAUSER, 1972, p. 182, 186 e 204)

A situação dos judeus era visivelmente degradante. A cada dia que passava, estavam mais próximos da condição de animais, “[v]ivendo, agindo e talvez sentindo como eles” (NICHTHAUSER, 1972, p. 204). Estavam próximos da decadência física e moral. A situação era tão crítica, que a única certeza que tinham era a certeza da morte. O esgotamento a que os prisioneiros eram submetidos fazia com que perdessem a vontade de viver. Como expressa o autor depois de perder todos os seus familiares: “[v]iver ou não viver. A questão girava constantemente na minha mente. Viver para que e para quem? [...] Tenho direito de viver?” (NICHTHAUSER, 1972, p. 228). Apesar de o povo judeu ter sido libertado pelos americanos depois de quatro anos, os traumas estão visivelmente presentes nele.

Na *Dialética do esclarecimento*, há um outro conceito que ajuda a entender o tema do antissemitismo. Trata-se da noção de mimese, que, utilizada por Adorno e Horkheimer de maneiras múltiplas, é considerada essencial para a explicação de temas estéticos na obra adorniana. Embora o vocábulo seja tratado a partir de diferentes perspectivas, dentro do contexto em que se discute o antissemitismo, ele tem a ver com a noção de uma racionalidade mítica a ser rejeitada pelo esclarecimento, o que conduz à fixidez da racionalidade esclarecida e, por conseguinte, ao retorno da mimese como a mimese do morto, e, por fim, ao debate da mimese da mimese ou da mimese como falsa projeção desenvolvida pelo antissemita.

Como isso se daria? Estabelecendo-se um paralelo entre a ontogênese e a filogênese, a mimese infantil, como imitação da alteridade no desenvolvimento do sujeito, seria um dos fenômenos primordiais na aprendizagem da criança. Ou seja, a criança se constitui imitando e, por tabela, aceitando o “outro”. Todavia, na medida em que cresce, ela é incentivada a abandonar a imitação em favor da racionalidade. De maneira similar, na fase mítica, a relação dos seres humanos com a natureza teria sido marcada pela característica mimética, isto é, pela “adaptação orgânica ao outro” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 168). O esclarecimento, momento da dominação oposta à mimese originária (de assimilação, de adaptação e de aceitação), tratou não só de substituí-la pela racionalidade instrumental, mas também de trabalhar continuamente para evitar que o homem tenha “recaída em modos de vida miméticos” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 169), ou seja, que ele se volte aos prazeres ligados à pulsionalidade, antes de essa ser controlada pela fixidez do eu. Tal fixidez do eu acaba retornando à fase mítica, mas com uma diferença: a mimese não seria mais da natureza em geral, mas do que está morto, petrificado.

Se a mimese é o movimento de aproximação com a natureza que o sujeito imita, assimila o “outro” (mesmo que esse “outro” seja algo morto), fazer o “outro” parecer consigo seria a mimese da mimese, reverso da mimese genuína, ou ainda, falsa projeção. Como explicam os autores, um certo grau de projeção de si nas figuras do exterior é necessário para o próprio conhecimento humano. Nessa versão da projeção considerada sadia, aprende-se – por comparação, pela verificação ou pelo exame da realidade – a se questionar e, por fim, a se distinguir, ao menos de forma geral, o interior do exterior. No entanto, concebendo que, por vezes, ocorrem confusões pontuais e arbitrariedades em tal operação de discernimento da projeção sadia, pode-se dizer, então, que a diferenciação dessa relação à projeção absoluta, não-verificada e, portanto, falsa, é apenas de grau (COSTA, 2016, p. 468). Conforme Adorno e Horkheimer,

[o] patológico no antissemitismo não é o comportamento projetivo enquanto tal, mas a ausência da reflexão que o caracteriza. Não conseguindo mais devolver ao objeto o que dele recebeu, o sujeito não se torna mais rico, porém, mais pobre. Ele perde a reflexão nas duas direções: como não reflete mais o objeto, ele não reflete mais sobre si e perde assim a capacidade de diferenciar. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 176)

Considerando os argumentos expostos, o que torna *Quero viver...* uma obra de resistência? Antes de qualquer coisa, trata-se de um livro que revela o que a ideologia dominante procura esconder. Embora a obra de Nichthausen se concentre em fatos historicamente situados, ela provoca a reflexão de cenas bastante contemporâneas, com principal ênfase ao racismo, à xenofobia e ao antissemitismo. Numa perspectiva mais ampla, o relato solicita uma discussão sobre a não aceitação do “outro”, fazendo com que o leitor medite sobre os (não-)fundamentos de seus possíveis preconceitos e aversões. Trata-se, ainda, de um texto assinalado por tensões internas, projetadas a partir de um discurso bastante realista, que faz com que o leitor – a despeito das limitações – projete-se num contexto opressivo, violento e desumano.

Por fim, é um relato que resiste ao esquecimento tão bem conduzido pelo discurso contemporâneo. Logo, além de a obra resistir à violência institucionalmente elaborada, ela resiste à ideia de esquecimento forjado pelas elites dominantes e à noção de passado acabado, concluído e resolvido. A violência não é algo legítimo em nenhuma situação, e o passado agônico não pode ser esquecido para que não se repita, e a história dos massacres nazistas não pode ser vista como algo pertencente exclusivamente ao passado. É uma história em aberto,

que merece revisões e novos esclarecimentos. Nas palavras de Nichthausen (1972, p. 84), que viveu anos em campos de concentração e que resistiu a eles, “[c]alma e nada de provocações; para sobreviver e contar às futuras gerações o que aconteceu e até onde nos levou a bestialidade do racismo”.

ABSTRACT: This work analyzes *Quero viver... memórias de um ex-morto*, a book written by the Brazilian Jewish author Joseph Nichthausen, in 1972, seeking to highlight some aspects that allow its classification as a resistance literature. As a prisoner in different concentration camps in Europe during the Second World War, Nichthausen recounts his memoirs, emphasizing the extreme humiliation faced by Jews and other marginalized groups. Taking into account specific thematic and formal elements, the author writes a book whose content is of resistance to the violence and to the oppression experienced in the past but also in the present moment.

Keywords: Brazilian literature. Shoah literature. Resistance. Joseph Nichthausen. War.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Elementos do antissemitismo: limites do esclarecimento. In: _____. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. p. 157-194.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: _____. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-135.

COSTA, Virgínia Helena Ferreira da. Idiossincrasia, mimese e antissemitismo em *Dialética do esclarecimento*. *Sofia*, Vitória, Espírito Santo, vol. 5, n. 2, p. 463-474, ago.-dez., 2016.

IGEL, Regina. *Imigrantes judeus/ Escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva; Associação Universitária de Cultura Judaica; Banco Safra, 1997.

NICHTHAUSER, Joseph. *Quero viver... memórias de um ex-morto*. São Paulo: Empresa Editorial Riela Ltda, 1972.

SCHLESINGER, Hugo. Opus 72. In: NICHTHAUSER, Joseph. *Quero viver... memórias de um ex-morto*. São Paulo: Empresa Editorial Riela Ltda, 1972. p. 5-8.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Estética e política, memória e esquecimento: novos desafios na era do mal de arquivo. *Remate de Males*, Campinas, Unicamp, n. 2, v. 29, p. 271-281, jul.-dez., 2009.

_____. Literatura da Shoah no Brasil. *Arquivo Maaravi*, Belo Horizonte, n. 1, v. 1, p. 123-135, out. 2007.